



**SOCIEDADE
CRISE E RECONFIGURAÇÕES**

VII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

19 a 22 Junho 2012

Universidade do Porto - Faculdade de Letras - Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação

ÁREA TEMÁTICA: Migrações, Etnicidade e Racismo

RACISMO CONTRA AS MULHERES BRASILEIRAS EM PORTUGAL? ALGUMAS REFLEXÕES.

PADILLA, Beatriz

Doutora em Sociologia

Centro de Investigação e Estudos de Sociologia – Instituto Universitário de Lisboa

beatriz.padilla@iscte.pt

GOMES, Mariana Selister

Doutoranda em Sociologia, Centro de Investigação e Estudos de Sociologia

Instituto Universitário de Lisboa

marianaselister@gmail.com

Resumo

O artigo busca refletir sobre o racismo contra as mulheres brasileiras em Portugal a partir de duas abordagens de investigação: a racialização a partir dos discursos sociais - plano ideológico do racismo; e, relatos de experiências sofridas de discriminação e preconceito - plano das práticas sociais. Analisar-se-á esse fenômeno a partir das discussões conceituais em torno do racismo. Ao entender a importância dos diferentes conceitos (racismo novo, cultural, diferencialista e desigualitário), propõe-se uma abordagem ainda pouco difundida, no intuito de colaborar com avanço no conhecimento sobre migrações, etnicidade e racismo em Portugal. Trata-se de introduzir a perspectiva epistemológica decolonial (Quijano, 2000; Mignolo, Grosfogel, 2008), decolonial de gênero (González, 1988; Brah, 2006; Lugones, 2008) e o conceito histórico de racismo (Fanon, 1983; Balibar, 1988; Munanga, 2003). A pesquisa demonstrou que essas mulheres são vistas em Portugal como portadoras de características comuns comportamentais, culturais e físicas, relacionadas a beleza, simpatia e disponibilidade sexual. Através dessas características, as imigrantes brasileiras são essencializadas, inferiorizadas e estigmatizadas em Portugal. Torna-se possível perceber que elas são racializadas e tornam-se vítimas de práticas sociais que podem ser entendidas como racismo.

Abstract

This essay reflects on racism against Brazilian women in Portugal from two research approaches: the racialization of social discourses, at the ideological level of racism, and the experiences of discrimination and prejudice suffered, at the level social practices. We analyze this phenomenon from the conceptual debate about racism. By understanding the importance of different concepts (new racism, cultural racism, differential and unequal racism), we propose to use an approach that is not widely diffused, in order to advance knowledge produced on migration, ethnicity and racism in Portugal, by introducing a decolonial epistemological perspective (Quijano, 2000; Mignolo Grosfogel, 2008), a decolonial gender perspective (Gonzales, 1988; Brah, 2006; Lugones, 2008) and the historical concept of racism (Fanon, 1983; Balibar, 1988 ; Munanga, 2003). The research showed that Brazilian women are seen in Portugal as having common behavioral, cultural and physical characteristics associated to beauty, friendliness and sexual availability. Through these characteristics, Brazilian immigrant women are essentialized, diminished and stigmatized in Portugal, becoming obvious that, by being racialized, they become victims of social practices that can be understood as racism.

Palavras-chave: Racismo; Mulheres Brasileiras; Portugal

Keywords: Racism; Brazilian Women; Portugal

PAP0271

INTRODUÇÃO

O presente artigoⁱ busca analisar o racismo contra as mulheres brasileiras em Portugal a partir de duas abordagens de investigação. A primeira refere-se à racialização a partir dos discursos sociais– plano ideológico do racismo. A segunda aborda relatos de experiências de discriminação sofridas por brasileiras – plano das práticas sociais.

Busca-se refletir sobre esse fenômeno a partir das discussões conceituais em torno do racismo. Ao entender a importância dos diferentes conceitos (racismo novo, cultural, diferencialista e desigualitário), propõe-se uma abordagem ainda pouco difundida e uma especificação teórica, no intuito de colaborar com avanço no conhecimento sobre migrações, etnicidade e racismo. Trata-se de introduzir a perspectiva epistemológica descolonial (Quijano, 2000; Mignolo, Grosfogel, 2008), descolonial de gênero (González, 1988; Brah, 2006; Lugones, 2008) e o conceito histórico de racismo (Fanon, 1983; Balibar, 1988; Munanga, 2003). Acredita-se que esta perspectiva teórica pode contribuir para a compreensão da situação das mulheres brasileiras imigrantes em Portugal.

O artigo inicia com breves considerações teóricas sobre o racismo. Posteriormente está organizado conforme o material empírico analisado: o capítulo dois é dedicado à análise de discursos sociais (especialmente a mídia), a fim de perceber o imaginário “mulher brasileira” em Portugal; o capítulo três enfoca as experiências de discriminação sofridas por imigrantes brasileiras. Por fim, apresentam-se as considerações finais.

1. CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS SOBRE O RACISMO

A seguir serão apresentadas breves considerações teóricas sobre o racismo, incluindo as discussões em torno dos conceitos de raça e etnia, gênero, sexualidade, interseccionalidade e colonialidade. Entende-se que é preciso refletir sociologicamente sobre esses conceitos que representam demarcações sociais, construídas historicamente em relações de poder, as quais acarretam em desigualdades, assimetrias, discriminações e preconceitos.

Conforme Foucault (1993) a sexualidade e a racialização são os principais dispositivos de poder da era moderna. O autor demonstra que a sexualidade é uma construção social. A teoria feminista, na construção da categoria gênero, questiona a naturalização dos papéis sociais de homens e mulheres e demonstra que estes são construções sociais e históricas que resultam em desigualdades entre os gêneros (Scott, 1986). Pateman (1993) demonstra a relação mútua entre prostituição, exclusão no mercado de trabalho e subjugação ao casamento, na medida em que foram construídas duas sexualidades para as mulheres relacionados com dois papéis de gênero: mulheres esposas, virgens, mães, pertencentes ao espaço privado *versus* mulheres prostitutas pertencentes ao espaço público.

Nessa produção de sentido de duas sexualidades através de duas performances do ser mulher, emerge como dispositivo central a racialização e o poder colonial. Foucault (1996, pp. 207, 211) demonstra como na produção de populações, através do biopoder (poder sobre a vida, o fazer viver), no século XIX, a racialização serviu para definir populações que poderiam ser escravizadas e marginalizadas. Nesse processo de racialização, os europeus construíram “o negro” e atribuíram características e valores que o inferiorizavam. Cunha (2002) aproxima as análises de Foucault (sobre o biopoder) com as de Fanon (sobre raça, subjetivação e poder colonial), ao perceber que um dos mecanismos do biopoder é o discurso (construído a partir do período colonial) que produz a sexualidade dos negros. Segundo Fanon (1983, pp. 153 e 154) o negro simboliza o pecado e “*para a maioria dos brancos, o negro representa o instinto sexual*” (idem, pp.145).

As teorias feministas descoloniais destacam que o dispositivo da racialização intersecciona o dispositivo de gênero e de sexualidade na produção das duas essencializações. Assim as mulheres brancas europeias são as

maria/mães/esposas/virgens e as indígenas, negras ou mestiças das ex-colônias são as evas/pecadoras/prostitutas (Stolke, 2006). Connell (1998) aponta que o colonialismo teve impacto na construção de uma ordem global de gênero, a qual construiu masculinidades diferentes e hierarquizadas entre homens da metrópole e homens das coloniais, reforçou as assimetrias entre homens e mulheres nas colônias e entre metrópoles e coloniais, fomentou violências contra as mulheres e criou um imaginário colonial relacionada ao erótico e ao exótico.

Através das discussões teóricas e políticas em torno na interseccionalidade entre gênero e outros demarcadores sociais, reconheceu-se que “mulher” não é uma categoria unitária (Brah, 2006). Tornou-se evidente a necessidade de compreender a racialização do gênero e emergiu o feminismo negro (González, 1988; Hooks, et al. 2004). O feminismo latino-americano amplia a análise da racialização do gênero, apontando a relação entre colonialismo e gênero (Lugones, 2008), destacando a violência sexual e estigmatização da sexualidade das mulheres negras escravizadas e das mulheres indígenas. As discussões demonstram a construção de um corpo colonial alvo da opressão dos colonizadores, um corpo visto como disponível.

O conceito de raça é utilizado relacionado ao conceito histórico de racismo (Fanon, 1983; Balibar, 1988; Munanga, 2003) e a perspectiva epistemológica descolonial (Quijano, 2005; Mignolo, Grosfogel, 2008). Nesta perspectiva a modernidade é entendida como profundamente marcada pela colonização e, assim, a sociedade atual não pode ser compreendida distante de uma análise crítica desse processo histórico e de suas consequências contemporâneas. Uma das principais marcas da colonização consiste na introdução e na disseminação da categoria mental raça, a qual permanece atualmente. Segundo essa perspectiva, o racismo colonial dividiu a população em raças, articulando para isso supostas características físicas, culturais e comportamentais, para inferiorizar, essencializar e estigmatizar grupos humanos não europeus. Dividiu, também, o mundo entre colônias e metrópoles, sendo as metrópoles identificadas com o “civilizado”, enquanto as colônias foram categorizadas como “bárbaras”. Essa divisão em raças continuaria operando atualmente, o que se alteraria são os tipos de práticas de discriminação e os grupos alvo conforme o contexto. Essa permanência social da categoria raça é entendida como colonialidade, ou seja, uma reconstrução do saber-poder colonial. Torna-se necessário analisar como se (des)(re)constrói esse saber-poder racializante que essencializa grupos humanos através de supostos critérios físicos, comportamentais e culturais e os contextos nos quais isto acontece.

Certamente, quando se aborda o conceito de raça, não se refere ao biológico, o qual fora forjado pelo racismo científico no final do século XVIII e há muito, felizmente, superado. O conceito de etnia também não parece contribuir para a compreensão do objeto de estudo, porque naturaliza processos socioculturais e históricos. Conforme Wieviorka (2002) com as críticas e a superação do racismo científico, principalmente após o Nazismo, alguns autores insistiram na utilização do conceito de raça para entender as culturas humanas e outros substituíram pelo conceito de etnia, mas mantendo os mesmos pressupostos, a existência natural de diferenças. Essa perspectiva de uma existência natural de diferenças culturais teria dado origem a um “novo racismo”, o “racismo cultural”, para o qual o próprio conceito de etnia poderia ter contribuído. Nas palavras de Wieviorka (2002), o novo racismo consiste na “passagem da inferioridade biológica para a diferença cultural na legitimação do discurso racista” (idem, pp.36). Se o conceito biológico de raça construiu o racismo biológico, conceito de etnia poderia contribuir para construir um racismo cultural.

Munanga (2003) e Balibar (1988) também apontam que o conceito de etnia cria uma essencialização. No entanto, estes e outros teóricos descoloniais destacam que não há uma separação entre o racismo cultural e biológico e que o racismo cultural não é um novo racismo. Esta perspectiva evidencia que o racismo foi criticado no seu discurso biológico (na crítica ao conceito de raça após o Nazismo), mas seguiu operando no seu discurso cultural (no conceito de etnia), no entanto, é o mesmo racismo, relacionado à colonialidade. Fanon (1983) demonstra que o racismo biológico sempre foi também racismo cultural. Os negros, indígenas e orientais eram inferiorizados por sua cor da pele e traços fenotípicos, relacionados com comportamentos sexuais, práticas culturais, religião, língua. A construção racista da oposição hierarquizada da civilização *versus* barbárie foi construída juntamente com a oposição hierarquizada branco *versus* negro, mestiço e

oriental.

Balibar (1988) também afirma que as análises sobre o novo racismo baseiam-se em críticas teóricas internas e buscam analisar o que foi negligenciado pelas análises tradicionais sobre o racismo: as novas análises explicam o racismo cultural e não o biológico. Mas o autor coloca que da perspectiva das vítimas, o racismo é o mesmo, apenas não havia sido explicitado e compreendido como um todo, havia sido compreendido apenas no seu aspecto biológico. Para o autor (Balibar, 1988, pp. 32) o racismo é um fenômeno social total, o qual se insere em práticas, discursos, representações e sentimentos. Na perspectiva descolonial demonstra-se que a essencialização e inferiorização biológica e cultural, são duas faces do mesmo racismo, uma continuidade que só pode ser compreendida na construção histórica do racismo e não como um novo racismo.

Os casos de Portugal e do Brasil contribuem para pensar as relações entre biológico e cultural na constituição do racismo. O luso-tropicalismo – difundido e consolidado por Gilberto Freyre e por outros diversos discursos no Brasil, plasmado no mito da democracia racial (Gomes, 2009; Padilla, 2001) e em Portugal (Castelo, 1998) – foi central no processo de construção de um mito do “não racismo” já que seu aporte era crítico ao racismo biológico. O luso-tropicalismo propõe a superação das análises baseadas nas inferioridades biológicas, argumentando que não existiriam raças biológicas, mas apenas diferenças culturais. No entanto, ao descrever essas diferenças culturais e a mistura entre essas culturas, as descrições de Freyre (2001) são biológicas, sexuais e essencialistas, sua obra está fortemente marcada por hierarquizações e essencializações. Poder-se-ia afirmar que Freyre foi um dos precursores na crítica ao discurso biológico do racismo e perpetuação do discurso cultural racista. O autor buscou demonstrar que os portugueses constituíram civilizações não racistas, porque se misturavam biologicamente com as nativas das colônias. Mas em seu livro *Casa Grande & Senzala* a mulher negra é construída como erótica, sendo naturalizada uma sexualidade relacionada ao formato do corpo e a práticas culturais. Cria-se, assim, uma racialização e um imaginário de mulher negra como objeto sexual, o que se reflete ainda hoje em discriminações e preconceitos contra as mulheres negras no Brasil (Gomes, 2009) sempre associadas a prostituição e a pobreza (Padilla, 2001). Essa racialização luso-tropical que marcou e marca a vida das mulheres negras no Brasil, parece incidir sobre as mulheres brasileiras em Portugal.

Uma perspectiva importante sobre o racismo em Portugal é apresentada por Marques (2004) a partir dos conceitos de racismo desigualitário e diferencialista. O autor demonstra a presença de representações e atitudes racistas em Portugal, em contraponto ao mito do “não racismo” português. O racismo desigualitário seria aquele contra as comunidades imigrantes, especialmente de origem africana; caracterizar-se-ia por apelar aos argumentos biologizantes, por ser discriminatório, por destinar a um grupo um espaço específico e inferior na sociedade, relacionar-se com o passado colonial e com a exploração. O racismo diferencialista teria uma lógica diferente, seria aquele contra as comunidades ciganas; estaria caracterizado por provocar rejeição, exclusão, segregação e repulsa a um grupo, e por apelar aos argumentos culturais, percebidos como imutáveis e de forma essencialista. Percebe-se que há uma aproximação entre os conceitos de racismo biológico/desigualitário e cultural/diferencialista.

Machado (2000) propõe que são necessárias investigações empíricas para a compreensão sociológica do racismo, enquanto ideologia e prática social, tendo em vista a inflação conceitual e política em torno do tema. Brah (2006) destaca que os processos de racialização são historicamente específicos e que diferentes grupos foram e são racializados de diferentes formas e contextos. Nesse sentido, parte-se para a investigação empírica sobre o processo de racialização das brasileiras em Portugal, através de duas abordagens de investigação: a análise de discursos sociais sobre as brasileiras (o racismo enquanto ideologia) e análise das experiências dessas imigrantes em Portugal (buscando perceber as práticas sociais do racismo). Entende-se a racialização como construção social e histórica, discursiva e performática, nas quais grupos humanos são classificados, inferiorizados, essencializados, estigmatizados e naturalizados a partir de supostas características físicas, culturais e comportamentais comuns, como se compusessem uma “raça”.

2. O IMAGINÁRIO SOCIAL “MULHER BRASILEIRA” EM PORTUGAL

Abordar-se-á o racismo enquanto uma ordem discursiva (Foucault, 2008), ao analisar os discursos sociais sobre as brasileiras em Portugal. A abordagem do racismo enquanto preconceito, ideologia, representações pode ser realizada através de inquéritos a população que identifiquem representações racistas e/ou através do mapeamento de discursos sociais. O inquérito realizado por Lages (2006) investigou os estereótipos dos portugueses com relação aos imigrantes. No que tange aos brasileiros, identificou que os portugueses os percebem como alegres e bem-dispostos (75%), indicam que tem contribuído para a prostituição (70%) e que são simpáticos e de trato fácil (63%). Essa investigação parece indicar que em Portugal há uma essencialização dos brasileiros relacionada à alegria, à simpatia e à prostituição.

Acerca das investigações sobre os discursos sociais, Cunha (2005) evidencia o papel das telenovelas brasileiras exibidas em Portugal na estereotipificação em torno da sensualidade e beleza, e da imprensa portuguesa na construção do estereótipo da imigrante prostituta. Pontes (2004) cita alguns exemplos, jornalísticos e publicitários, para demonstrar como a mídia portuguesa constrói representações que essencializam e exotizam a identidade nacional brasileira através da sexualidade impugnada às mulheres brasileiras. Ambas as autoras, e também Padilla (2008), destacam o caso das “Mães de Bragança”, quando uma publicação da Revista Times-Europe, que repercutiu na mídia portuguesa, apresentava um grupo de mulheres portuguesas que culpavam as prostitutas brasileiras por roubarem os seus maridos. Neste episódio, as mulheres brasileiras foram construídas como as pecadoras, destruidoras do lar; enquanto as portuguesas foram pensadas como as mães e esposas exemplares.

Pontes (2004) menciona a importância do Turismo na construção do estereótipo da brasileira, mas não foca sua análise nestes discursos – o que apresentar-se-á a seguir a partir de dados da pesquisa empírica, como exemplo daquilo que pode ser dito e visto sobre “mulher brasileira” em Portugal. O material empírico compõe a Tese de Doutoradoⁱⁱ. Destaca-se a importância dos discursos turísticos na construção de imaginários sociais (Gastal, 2005). Estes discursos foram mapeados através de pesquisa documental (reportagens e material publicitário) e entrevistas a jornalistas da imprensa turística portuguesa (Revistas Volta ao Mundo, Sábado, B de Brasil, Jornal Público, entre outros). O objetivo é perceber a ordem discursiva na construção de sentido sobre as mulheres brasileiras.

As entrevistas revelaram um imaginário consolidado de que existiria um padrão de comportamentos e características físicas tidos como das mulheres brasileiras. Este imaginário remete a aspectos físicos (bonitas, corpos, bundinha) e comportamentais (sensualidade, atraentes, desinibidas, sem pudor, a vontade, abertura, facilidade). Em alguns casos, como na narrativa de Ruiⁱⁱⁱ, a seguir, as mulheres brasileiras são explicitamente identificadas com sexo. As ideias de beleza, sensualidade e disponibilidade sexual parecem estar imbricadas entre si no imaginário de mulher brasileira, especialmente nas narrativas dos entrevistados homens.

O Brasil é o país tropical, onde vive gente aberta, extrovertida, dinâmica e onde as mulheres são bonitas, onde as mulheres andam mais despidas, porque está calor, e onde há um convívio efetivo fora da limitação ou fora do constrangimento português. (Francisco)

A brasileira, futebol, samba, tudo isso são elementos principais (...) O Brasil um dos países que as pessoas sabem que isso [sexo] é mais propício, mais fácil (...) basta ter a noção de que nos sítios onde há o sexo, onde é operado o sexo, sempre, ou quase sempre há brasileiras (...) A associação que se faz dos corpos das mulheres brasileiras e a ligação direta a praia (...) as mulheres andam de fio dental sem qualquer problema. Esse a vontade social é principal razão pelo que há essa associação. A realidade em termos de comportamentos sexuais é diferente dos países europeus em relação ao Brasil, há muito mais abertura e facilidade. (Rui)

Há uma sensualidade da mulher brasileira que é eminente, que é assumida (...) são mulheres bonitas, mulheres atraentes, são mulheres desinibidas em muitas situações (João)

A beleza da mulher brasileira é de fato, pra mim é o povo onde tem mulheres mais bonitas, uma mistura lindíssima (Ana)

Os homens vão por causa das mulheres e as mulheres vão pra ver se se transformam como as mulheres brasileiras [risos] a ver se saem de lá com uma bundinha fantástica e um biquinho maneiro e um grande bônus (Joana)

O imaginário de disponibilidade sexual das brasileiras emergiu com clareza, na oposição entre turismo sexual (que remeteria a exploração sexual, o que não ocorre no Brasil) e disponibilidade sexual (que é como descrevem o Brasil, com mulheres abertas, disponíveis para o sexo, dadas, sensuais) – como pode ser visto especialmente na narrativa de Francisco.

A impressão que eu tenho é que o Brasil não é um destino de turismo sexual (...) no Brasil vou curtir, porque as brasileiras são mais dadas, não há preconceitos, há festas, e isso tem a ver novamente com o imaginário do carnaval e do tropicalismo, se for pensar Cabo Verde será um pouco assim, dança, festa, música, corpos e sexo, e isso não é bem a mesma coisa que turismo sexual e prostituição (...) o Brasil não é um destino de prostituição, pode ser um destino de turismo sensual ou erótico, isso sim, porque vamos ver mulheres bonitas, isso sim. Por exemplo, as italianas, temos esse mito, a mulher italiana é bonita, mas sabemos que chegamos a Itália e que aquilo é um país europeu, não é um país tão aberto, e essa idéia de abertura, é que está no Brasil, mas tem a ver com amabilidade, tem a ver com a festa, com um certo imaginário claramente do que é o erotismo tropical. (Francisco)

Mostrou-se recorrente o imaginário do Brasil como parte de Portugal – como na narrativa de Francisco que afirma que “o Brasil está sempre ali como parte integrante da Portugalidade”. Ainda, a associação entre o clima/natureza como características inerentes do Brasil disponíveis aos portugueses – o Brasil como a “casa tropical dos portugueses”, na narrativa de Ana. Esses exemplos apontam uma reconstrução de imaginários coloniais. É explícita também a distinção entre Europa e Brasil, na qual a Europa aparece como destino de turismo histórico-cultural enquanto o Brasil como destino de turismo “sol e mar”. Essa dicotomia reporta ao imaginário colonial que via as colônias como paraísos naturais e selvagens *versus* Europa como civilização e cultura.

A reconstrução dos imaginários coloniais também está presente na publicidade turística. A imagem 1 é um exemplo do uso da imagem de uma mulher como atrativo do Brasil. Destaca-se o uso da expressão “500 anos depois”, a qual remete ao período do “descobrimento” do Brasil pelos portugueses. A fim de divulgar o Brasil como um destino turístico atual, a publicidade retoma o imaginário de Brasil como destino colonial.



Imagem 1 – Publicidade de duas páginas na Revista B de Brasil, inverno de 2001.

Percebeu-se que as ideias de beleza, sensualidade e disponibilidade sexual estão imbricadas entre si no imaginário de mulher brasileira, através da ordem discursiva hegemônica que remete a relações de poder colonial e patriarcal. As mulheres brasileiras são construídas como corpo colonial, como disponíveis sexualmente. Na narrativa de Francisco é explícita essa relação: o entrevistado diferencia as italianas, que são bonitas, porém não disponíveis por serem europeias, das caboverdianas e brasileiras que são bonitas e disponíveis. Ao fazer essa diferenciação belas / não disponíveis / europeias *versus* belas / disponíveis caboverdianas / brasileiras, emerge a colonialidade, na medida em que as mulheres das ex-colônias são vistas como disponíveis e isso está diretamente relacionado ao fato de não serem europeias. Essa relação entre não ser europeia e ser disponível sexualmente não é direta, ela perpassa algumas características que o entrevistado supõe que os não-europeus possuam: festa, dança, música, corpos, clima tropical.

As ideias sobre a natureza (paraíso, tropicalidade e calor) foram associadas às ideias sobre comportamentos (à vontade, falta de pudor, disponibilidade sexual), às ideias sobre cultura (festa, dança, música), e ainda, às ideias fenotípicas (corpos exuberantes, beleza). Percebe-se uma reconstrução da ordem discursiva racializante, sexualizante e exotizante. No cruzamento entre colonialidade e gênero, evidenciou-se uma reconstrução do imaginário colonial baseado na moral cristã ocidental que divide as mulheres em “evas” (pecadoras, disponíveis sexualmente, não-europeias) e “marias” (esposas, mães, com pudor, europeias) (Vasconcelos, 2005). As mulheres brasileiras são vistas e enunciadas como portadoras destas características comuns. Através dessa essencialização, as brasileiras podem ser inferiorizadas e estigmatizadas em Portugal. Essa essencialização é tanto cultural como biológica, o que indica um processo de racialização, entendido como racismo – não parecendo suficiente, nesse caso, a divisão entre racismo biológico e cultural. A racialização entendida como um processo de classificação dos grupos humanos, para demarcação de uma hierarquia social, através da essencialização de supostas características físicas, culturais e comportamentais, que iniciou durante o colonialismo (entendido aqui como processo histórico que iniciou no século XVI). Sendo o racismo entendido como um fenômeno social total, o qual se insere em práticas, discursos, representações e sentimentos, analisar-se-á a seguir se esses imaginários têm impacto na vida das brasileiras, a fim de perceber, por outro viés de investigação, se é possível compreender a situação das brasileiras em Portugal como racismo.

3. EXPERIÊNCIAS DE SER “MULHER BRASILEIRA” EM PORTUGAL

Afirmar que um imaginário é uma construção não significa dizer que não é verdadeiro, mas sim que é uma realidade discursiva, uma prática, com implicações em diferentes âmbitos da vida social. O imaginário de erotização da mulher brasileira acarreta em preconceitos, assédios e discriminações para as imigrantes brasileiras que vivem em Portugal, como demonstram Espinoza (2011), Igor Machado (2009), Fernandes (2008), Padilla (2007; 2008). A fim de complementar a análise do racismo enquanto prática discursiva buscar-se-á perceber as experiências dessas imigrantes em Portugal, analisando as práticas sociais do racismo através de percepções do grupo racializado.

A investigação demonstra que são inúmeros casos relatados de assédio sexual, de dificuldade de arrendar apartamento, de ofensas verbalizadas como “volta para tua terra”, “as brasileiras trazem doenças para os portugueses”, “as brasileiras querem roubar os maridos às portuguesas” (em autocarros, por parte de taxistas, em redes sociais) e, alguns casos inclusive de violência física. Relevante, também, para evidenciar as situações que sofrem as mulheres brasileiras em Portugal é o “Manifesto contra o preconceito às brasileiras em Portugal”^{iv}, movimento organizado através das redes sociais, em 2011, o qual somou mais de 1.000 subscrições e teve apoio de mais de 20 organizações sociais do Brasil e de Portugal (entre associações de imigrantes, movimento feminista e antirracista).

Conforme Padilla (2007) o processo migratório é marcado por gênero, as experiências e expectativas de homens e mulheres migrantes variam conforme o sistema de gênero tanto do país emissor quanto receptor. No caso dos brasileiros em Portugal, a autora destaca que há uma categorização específica, especialmente

sobre as brasileiras, que relatam que sofrem com o estigma da prostituição, independente dos diferentes trabalhos e inserções em Portugal.

Machado (2009) analisa o processo de “exotização” dos brasileiros no Porto, segundo o qual é construído um estereótipo que acaba por ser vivido cotidianamente. A “sexualidade agressiva” (Machado, 2009: 105) seria uma característica fundamental para a mulher brasileira aproximar-se da brasilidade esperada pelos portugueses. O autor destaca que os lugares específicos destinados aos brasileiros no mercado de trabalho são o atendimento ao público e o entretenimento, o que denomina de mercado da alegria. Referente ao atendimento ao público, outras pesquisas abordam esse tema com recorte de gênero, como a de Fernandes (2008), que utiliza a denominação mercado da simpatia, abrangendo trabalhadoras de atendimento ao público e cuidadoras de idosos, que utilizariam a simpatia que o português espera da brasileira como diferencial de mercado.

Espinoza (2011) ao analisar o processo de integração das brasileiras no Algarve, aponta que as maiores dificuldades enfrentadas são a discriminação e o preconceito. A autora identifica imagens com as quais as brasileiras defrontam-se em Portugal e sentem-se incomodadas e desvalorizadas, são elas: objeto sexual; desconfiança relacionada a prostituição; “cara de brasileira” (associada a uma mistura de traços indígenas, africanos e europeus, a uma forma de falar e de vestir); mulher que rouba o marido; oportunista (principalmente quando casa com português); imigrante que rouba o trabalho dos nacionais. A tese demonstra que esses preconceitos transformam-se em casos concretos de discriminação, apresentando diversos exemplos recolhidos em entrevistas, como a inferiorização constante, o assédio verbal e sexual, e, argumenta que é possível compreender essa discriminação a partir do conceito de racismo desigualitário de Marques (2004).

A estratificação do mercado de trabalho, com posições específicas e inferiores para brasileiras (mercado da alegria/simpatia), bem como, a posição de objeto sexual destinada às brasileiras, podem apontar para a presença de um racismo desigualitário, como definido por Marques (2004) e sustentado por Espinoza (2011). Enquanto que os insultos, rejeições, percepções das mulheres brasileiras como ameaçadoras e como rivais parecem evidenciar o racismo diferencialista. Inclusive Marques (2004) sublinha que o racismo é um fenômeno social total que articula essas duas lógicas (desigualitária e diferencialista).

Fernandes (2008) analisa a forma como as brasileiras reconstroem suas identidades a partir das imagens dos portugueses sobre elas e evidencia a diversidade de formas como as brasileiras ora reproduzem a imagem como um reflexo de autoafirmação, ora percebem essa imagem como violência e preconceito. Os relatos de preconceito enfocam insultos, assédios no trabalho, dificuldades de amizade com portugueses, entre outros. Já os relatos interpretados como reflexo do estereótipo estão relacionados com a valorização da brasilidade esperada. Machado (2009) também afirma que as brasileiras reproduzem o estereótipo e o utilizam a seu favor, valorizando a brasilidade, inclusive a “sexualidade agressiva”.

Ao analisar mais detalhadamente esse imaginário sobre as brasileiras, através da arque-genealogia dos discursos, percebeu-se que este articula beleza, simpatia, sensualidade e disponibilidade sexual. A partir da percepção dessa ordem discursiva, recortou-se como objeto empírico as mulheres brasileiras que, supostamente (segundo tanto a bibliografia, como o senso comum percebido em pesquisa de terreno), utilizariam esse imaginário e reforçariam o estereótipo. Foram realizadas entrevistas com dançarinas brasileiras em Lisboa e no Porto, bem como, observações em espaços de lazer que agenciam a brasilidade como diferencial de mercado (restaurantes, bares e danceterias com música e dança brasileira).

A análise tem demonstrado que as brasileiras dançarinas percebem e criticam o estereótipo, a violência que sofrem, relatando casos de assédios e de discriminação. Ao mesmo tempo as entrevistadas demonstraram valorizar a beleza, a sensualidade e a simpatia. A dobra de subjetivação do discurso hegemônico (Foucault, 2010) parece estar justamente na característica disponibilidade sexual. Ou seja, as brasileiras dançarinas valorizam alguns elementos do imaginário de mulher brasileira, no entanto, criticam explicitamente o imaginário de disponibilidade sexual. A seguir alguns trechos das entrevistas. Informa-se que os nomes

foram alterados, as entrevistadas tem entre 25 e 35 anos e trabalham como dançarinas em Portugal, algumas trabalham também como professoras de dança.

Sim [já sofreu preconceito?] e muito. Aqui em Portugal já criaram um estereótipo para as brasileiras e todos os dias sinto-me como se tivesse que estar sempre a provar que não sou puta (...) Os portugueses são muito preconceituosos e com mentes fechadas, mas precisam da nossa alegria por aqui (Michele)

Bastante [já sofreu preconceito?!] Misturam bastante, bailarina com prostituta (...) as brasileiras se cuidam muito, cuidam do corpo, da aparência. E os portugueses precisam abrir mais a mente (Carolina)

Comecei a fazer animação na noite, como dançarina, então era confundida com um produto, era como se eu tivesse um preço (...) Um lugar que senti preconceito foi na faculdade, era sempre “a brasileira” [falou a palavra brasileira com sotaque de Portugal]. Uma vez fomos apresentar um trabalho, eu e dois colegas portugueses, tinha que ler um texto, a professora falou: “qual dos dois vai ler? Porque ela é brasileira”. (...) Com a minha sogra também. Meu marido é português e minha sogra é bem antiquada (...) na praia colocava biquíni bem brasileiro e minha sogra condenava (...) E somos nós imigrantes que estamos cá, divulgando o nosso país, representando o Brasil (Priscila)

Dessa forma não parece suficiente interpretar que as brasileiras ora criticam, ora valorizam o estereótipo. Entende-se que elas fazem parte da mesma ordem discursiva, assim partilham alguns elementos do imaginário hegemônico, no entanto, produzem uma dobra no discurso hegemônico, criticando justamente aquilo que para elas é o que provoca a violência – o elemento da disponibilidade sexual, o qual, conforme analisado, é o que carrega uma dimensão de colonialidade. Evidenciou-se que mesmo aquelas brasileiras que supostamente aproveitar-se-iam do estereótipo, criticam-no e sentem-se vitimizadas por ele – tanto em termos de rejeição (mais próximo a um racismo diferencialista), como de destinação de um lugar específico e subalterno de objeto sexual (mais próximo a um racismo desigualitário).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar este artigo, com discussão teórica, bibliográfica e empírica, verifica-se que as mulheres brasileiras são vistas em Portugal como portadoras de características comuns, são elas: comportamentais (sorrir, seduzir, ser simpática, disponível para sexo, ser dócil), culturais (dançar, falar e vestir-se de uma forma específica, gostar de festas) e físicas (são mestiças, têm o corpo em curvas, têm bumbum). Através dessas características, as imigrantes brasileiras são essencializadas, inferiorizadas e estigmatizadas em Portugal. Torna-se possível perceber que elas são racializadas e tornam-se vítimas de práticas sociais que podem ser entendidas como racismo. As mulheres brasileiras são vistas como corpo colonial, através do imaginário de disponibilidade sexual. A abordagem mais promissora para compreender o caso das brasileiras em Portugal parece ser a do racismo como fenômeno social total (com elementos da lógica desigualitária e diferencialista) característico da colonialidade, interseccionado com o dispositivo de gênero e sexualidade na era do biopoder.

Destaca-se que em determinado momento nos discursos dos entrevistados houve associações entre mulheres brasileiras e cabo-verdianas, como tendo as mesmas características, onde se evidenciou a reconstrução do imaginário de corpo colonial. No entanto, a literatura e a pesquisa empírica evidenciam que as brasileiras carregam mais intensamente esse imaginário (e as mazelas da discriminação e do preconceito, especialmente quando estão em condição de imigrantes), apesar de Portugal ter tido diversas colônias. Acredita-se que a explicação encontra-se na própria análise quando se aborda o Brasil e o lusotropicalismo. A independência do Brasil (em 1822) não se configurou numa ruptura e as relações de poder raciais foram mantidas (a escravidão perdurou até 1888), em grande medida até os dias de hoje, quando ainda há imensas desigualdades raciais. O racismo em intersecção com as desigualdades de gênero fomentaram o imaginário de mulata erótica (disponível ao homem branco) que carregou a colonialidade do saber-poder dentro do Brasil. Esse imaginário, retomado pela indústria turística do século XX (que buscava atrair turistas europeus) e pela grande mídia brasileira de exportação, divulgado pelo mundo, contribuiu na reconstrução dos

imaginários coloniais portugueses atualmente. Em Portugal, a mulata transforma-se em qualquer brasileira, tendo em vista que o processo de racialização é diferente: o branco *versus* não-branco no Brasil é europeu *versus* não-europeu / metrópole *versus* colônia em Portugal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Balibar, E. (1988) “Existe el noerracismo?” In.: Balibar, E., Wallerstein, I. Raza, Nación y Clase, Madrid, Iepala.
- Brah, Avtar (2006), “Diferença, diversidade, diferenciação”, Cadernos Pagu, 26, jan.-jun., pp. 329-376.
- Castelo, Cláudia (1998) O Modo português de estar no mundo. O luso-tropicalismo e a ideologia colonial portuguesa (1933-1961), Porto, Afrontamento.
- Connell, R.W. (1998) “Masculinities and Globalization”, Men and Masculinities, vol 1, nº 1, pp. 3-23
- Cunha Isabel (2005) “Mundos Imaginados: As brasileiras e nos Media em Portugal”. Anais do XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Rio de Janeiro, UERJ.
- Cunha, Olívia Maria (2002) “Reflexões sobre biopoder e pós-colonialismo: relendo Fanon e Foucault”, Mana, Rio de Janeiro, v.8, n.1, pp. 149-163
- Espinoza, Pamela (2011) Mujeres Brasileñas en Algarve: la influencia de la situación laboral como factor de integración. Tese de Mestrado em Sociologia, Faculdade de Economia, Universidade do Algarve.
- Fanon, Franz (1983) Peles negras, máscaras brancas, Rio de Janeiro, Factor.
- Fernandes, Gleiciani Maria de Oliveira (2008) Viver Além-Mar: Estrutura e experiência de brasileiras imigrantes na Região Metropolitana de Lisboa. Tese de Mestrado em Antropologia, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.
- Foucault, Michel (1993) História da Sexualidade, Vol. 1, A vontade de saber, Rio de Janeiro, Edições Graal.
- Foucault, Michel (1996) Genealogía del Racismo, Buenos Aires, Altamira.
- Foucault, Michel (2008) A Ordem do Discurso. São Paulo: Loyola.
- Foucault, Michel (2010) A Hermeneutica do Sujeito. São Paulo: Martins Fontes.
- Freyre, Gilberto (2001) Casa-grande & Senzala. Rio de Janeiro: Record.
- Gastal, Susana (2005) Turismo, Imagens e Imaginários, São Paulo, Aleph.
- Gomes, Mariana (2009) Marketing Turístico e Violência contra as Mulheres: (des)(re)construções do Brasil como um Paraíso de Mulatas. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil. 130p.
- Gonzalez, Lelia (1988) “Por um feminismo afro-latino-americano”, Revista Isis Internacional, vol. IX.
- Hooks, Bell; Brah, Avtar; Sandoval, Chela; Anzaldúa, Gloria. Otras inapropiables: feminismos desde las fronteras. Madrid, Traficantes de sueños.
- Lages, Mário F. (coord.) (2006), Os Imigrantes e a População Portuguesa: Imagens Recíprocas. Análise de Duas Sondagens. Lisboa: Observatório da Imigração / ACIME.
- Lugones, Maria (2008), “Colonialidad y género”, Tabula Rasa, Bogotá, Colômbia, n.º 9, jul.-dez, pp. 73-101.
- Machado, Fernando (2000), “Os novos nomes do Racismo: especificação ou inflação conceptual?”, Sociologia Problemas e Práticas, nº 33, pp. 9-44.
- Machado, Igor (2009) Cárcere público: processos de exotização entre imigrantes brasileiros no Porto,

Lisboa, ICS.

Marques, João Filipe (2004) “Os dois racismos dos portugueses”, Actas dos Ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia, Braga.

Mignolo, W; Grosfoguel, R. (2008) “Intervenciones Descoloniales: una breve introducción”. Tabula Rasa. Bogotá - Colombia, nº.9, pp. 29-37.

Munanga, Kabengele (2003) “Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia”, Seminário Nacional de Relações Raciais, nº 3, Rio de Janeiro.

Padilla, Beatriz (2001) “Women’s organizing in a global context: Activism in Salvador, Brazil, at the crossroad of race, class and gender”, Doctoral Dissertation, University of Illinois at Urbana-Champaign.

Padilla, Beatriz (2007) “A imigrante brasileira em Portugal: considerando o género na análise”. In: Malheiros, Jorge (coord). A Imigração Brasileira em Portugal. Lisboa: ACIDI.

Padilla, Beatriz (2008) “Brasileras en Portugal: de la transformación de las diversas identidades a la exotización”. Amériq Latine Histoire et Mémoire. Les Cahiers ALHIM, 14.

Pateman, Carole (1993) O Contrato Sexual, Rio de Janeiro, Paz e Terra.

Pontes, Luciana (2004) “Mulheres brasileiras na mídia portuguesa”, Cadernos Pagu, nº 23, pp.229-256.

Quijano, Aníbal (2005), Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. IN: Lander, E. (org) A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires, Colección Sur Sur, CLACSO.

Scott, Joan (1986), “Gender: a useful category of historical analysis”, The American Historical Review, vol. 91, n.º 5, pp. 1053-1075.

Stolke, Verena (2006) “O enigma das intersecções: classe, “raça”, sexo, sexualidade. A formação dos impérios transatlânticos do século XVI ao XIX”, Revista Estudos Feministas, vol. 14, nº1.

Vasconcelos, Vânia (2005) “Visões Sobre As Mulheres Na Sociedade Ocidental”. Revista Ártemis, n.3.

Wieviorka, Michel (2002) O Racismo: uma introdução, Lisboa, Fenda.

ⁱ Insere-se na Tese de Doutoramento, desenvolvida no CIES / ISCTE-IUL, com Bolsa de Estudos da CAPES / MECBrasil, sob orientação da Professora Doutora Beatriz Padilla (CIES/ ISCTE-IUL / Portugal) e tutoria da Professora Doutora Susana Gastal (PPGTurismo / UCS /Brasil).

ⁱⁱ A Tese empreende um mapeamento empírico arque-genealógico (método inspirado em Michel Foucault) de diferentes discursos (turísticos, oficiais em torno da imigração, de associações de imigrantes e do mercado cultural da brasilidade), a fim de analisar a ordem discursiva que constrói o imaginário social “mulher brasileira”; bem como perceber se e como esta ordem discursiva está imbricada em um dispositivo de saber-biopoder, marcado pelo racismo, sexismo e pela colonialidade; e, ainda, mapear os diferentes modos de subjetivação que fazem emergir sujeitos a partir de dobras nessa ordem discursiva (as narrativas das próprias brasileiras).

ⁱⁱⁱ Ressalta-se todos os nomes dos/as entrevistados/as foram alterados para preservar suas identidades.

^{iv} Blog do Movimento: <http://www.manifestomulheresbrasil.blogspot.pt/>